

Com Brasil

# Uma advertência no ABC

ESTADO DE SÃO PAULO

26 AGO 1995

Algumas dezenas de milhares de pessoas (as estimativas, como sempre, atendem a todos os gostos, variando de 30 mil a 70 mil) — a maioria absoluta, operários — se reuniram essa quinta-feira em São Bernardo do Campo para dizer não à recessão e ao desemprego. O clima das últimas semanas estimulou a participação de alguns empresários, sugerindo tratar-se de um evento multinucleado. A rigor, foi manifestação organizada pela Central Única de Trabalhadores (CUT), de que participaram políticos e empresários, entre estes os de autopeças, às voltas com compras menores das montadoras e a pressão que vem da abertura comercial.

A atenção da sociedade está posta em algumas decisões da área automobilística, tais quais o corte de pessoal na General Mo-

tors e na Cofap, acompanhada da informação de que a Volkswagen já decidiu adiar, por um mês no mínimo, as obras da fábrica de caminhões e ônibus de Resende, ganha pelo Rio depois de árdua disputa e grandes concessões. A Ford postergou a demissão de 800 pessoas.

Seria temerário afirmar que já se vive uma recessão, à luz da queda do PIB no segundo trimestre, comparativamente ao anterior, pois, comparados aos de 1994, os números ainda se mostram favoráveis. O desaquecimento, porém, se generaliza e é perfeitamente captado pelo Índice de Movimentação Econômica (Ibec-Fipe-Estadão), um indicador semanal que vem recuando desde o início de julho, com a única exceção do período de 5 a 12 de agosto. Para alguns, porém, houve uma franca reversão de expectativas. O estoque

de veículos continua muito elevado e é possível que a produção de 1,58 milhão de veículos em 1994 não se repita este ano. A situação é muito mais sensível no setor de autopeças, que enfrenta alíquotas de importação rebaixadas a até 2%, o que também se aplica a produtores de matérias-primas. Tampouco o índice de nacionalização que deverá ser definido em 70% significará um alívio para as empresas do setor.

A manifestação do ABC deve ser vista como advertência ao governo, do que aliás parece convencido o ministro da Fazenda, Pedro Malan, ao afirmar em São Paulo que "o pior já passou". O presidente Fernando Henrique

Cardoso apelou às montadoras para que não demitam, argumentando que está em curso um processo de redução dos juros (observe-se, por enquanto ainda muito lento) e flexibilização dos depósitos compulsórios das instituições financeiras no Banco Central.

Ao Brasil não convém aprofundar o desaquecimento, por várias razões. Seja porque se agrava o desemprego (como têm mostrado as estatísticas da Fiesp, as

piores desde 1992), seja porque parece cada vez mais difícil criar do que destruir postos de trabalho, seja pelo impacto dele sobre as contas públicas. O alerta vale, assim, para todos.

**O governo deve observar que o pior caminho pode ser acentuar o processo de desaquecimento**